

O Christianismo

JORNAL RELIGIOSO

FÊ

ESPERANÇA

CARIDADE

Assignatura

Ovar (anno)..... 600 reis

Pelo correio..... 700 "

Redacção e Administração, R.
da Graça=Ovar

Director—*Manoel Lopes Guilherme*

Proprietario e Adm.^{or}—*Placido Augusto Veiga*

Composição e impressão, Typ. «Ovarense»

—* Rua da Graça—OVAR *—

Annuncios

Por cada linha..... 50 reis

Repetição..... 25 "

Accéita-se collaboração des-
de que seja religiosa.

O Parocho d'aldêa

Ha um homem em cada parochia que não tem familia e que pertence a todas as familias, que é chamado como testemunha, como conselheiro e como agente em todos os actos mais solemnes da vida civil, sem o qual ninguem pôde nascer ou morrer santamente; que recebe o homem do seio da sua mãe e só o deixa no tumulo, abençoando o berço, o leito conjugal e a sepultura; um homem a quem as creanças se acostumam a respeitar, a amar e venerar, a quem os proprios desconhecidos chamam *pae*, e aos pés do qual os christãos espalham as suas confissões mais intimas, as suas lagrimas ainda as mais escondidas no seio da amargura, um homem que é o consolador privilegiado de todas as miserias da alma e do corpo, o intermediario obrigado, na riqueza e na indigencia, que vê o rico e o pobre baterem alternadamente á sua porta, o rico para deixar a sua esmola secreta, e o pobre para a receber sem cõrar; um homem enfim que sabe tudo, que tem direito de dizer tudo o que é justo e bom, e cuja palavra cahe do alto da inspiração celeste sobre as intelligencias e os corações com a auctoridade da sua missão divina. Esse homem é o parocho d'aldeia. Ninguem, como elle, pode fazer tanto bem aos homens.

Como moralista, a obra do parocho é admiravel. O christianismo é uma philosophia divina escripta de dois modos: como historia, na vida e morte de J. Christo; co-

mo preceito, na sublime doutrina que ensinou ao mundo.

As duas palavras do christianismo, o preceito e o exemplo, estão reunidas no Evangelho.

O parocho deve ter sempre á mão deante dos olhos e no intimo do seu coração o livro sublime da virtude e da doutrina christã. Um bom padre é um comentario vivo d'esse livro divino. Não ha verdade moral, ou religiosa, ou politica que não esteja em germen n'um versiculo do Evangelho. O parocho encontra, pois, toda a moral, toda a civilisação, toda a politica na lição augusta das paginas dos apóstolos. Basta-lhe abrir, ler e espalhar á roda de si o thezouro de luz e de perfeição que a Providencia confiou á sua intelligencia e á sua piedade.

Mas, como doutrinava Jesus Christo, assim o seu modo d'ensinar os fieis deve sêr duplo pela vida e pela palavra. A sua vida deve sêr, tanto, quanto o comporta a imperfeição humana, a explicação sensivel da sua doutrina—uma palavra viva.

A Igreja collocou-o alli mais como um exemplo, do que como um oraculo; nenhuma lingua humana é tão eloquente nem tão persuasiva como a virtude.

O parocho é ainda o administrador espiritual dos Sacramentos da sua Igreja e dos beneficios da caridade. Entram no dominio das suas attribuições, as faltas, os arrependimentos, as miserias, as necessidades e as indigencias da humanidade, e deve ter sempre o coração rico a trasbordar de tolerancia, de misericordia, de man-

sidão compassiva, de caridade e de perdão.

A sua porta deve estar aberta a toda a hora para quem bater afflicto, a sua lampada sempre accêsa e o cajado de pastor sempre ao alcance da mão para se abordar na via dolorosa das angustias humanas. Não deve conhecer nem estações, nem distancias, nem contagios, nem sol, nem chuva, nem calor, nem frio, nem obstaculo algum material, se se trata de levar o balsamo ao ferido, o perdão ao culpado ou o seu Deus ao moribundo. Não deve haver deante de si, como deante de Deus, nem rico, nem pobre, nem pequeno, nem grande, mas unicamente homens, isto é, irmãos nas miserias e nas esperanças.

Como homem, o parochio tem ainda alguns deveres puramente naturaes e humanos que lhe são impostos pela necessidade de conservar a sua vida e a sua independencia.

Retirado no seu humilde presbyterio, á sombra da sua Igreja, deve sahir poucas vezes, além das que sejam necessarias para o exercicio das suas funcções religiosas.

E'-lhe permittido ter uma vinha, um jardim, um pomar, um pequeno campo e cultivar-o com as suas proprias mãos, alguns animaes domesticos de recreio ou de utilidade: a vaca, a cabra, as ovelhas, as pombas e as aves de canto que dulcificam a harmonia maviosa do ermo, o cão sobretudo, esse movel vivo do lar, esse amigo constante dos que foram esquecidos pelo mundo e que por isso mesmo precisam de sêr amados por alguém. Do seu asylo de trabalho de silencio e de paz, o parochio deve afastar-se pouco, evitando as reuniões mundanas; e só em occasiões solemnes poderá humedecer os labios na taça dos felizes do seculo quando se exija a sua presença, para a santificação das festas de familia.

O resto da sua vida deve passar-se junto do altar, no meio da infancia, ensinando-lhe a bulbuciar o cathecismo, o livro singelo da mais alta philosophia, o alphabeto da sabedoria divina, e na sua pequena bibliotheca, a sociedade morta do solitario.

Ao desmaiar da tarde, quando se fecham as portas da Igreja e o sino do presbyterio tange a *Ave-marias*, echoando nas quebradas do monte e suspirando no azul crepuscular em assonancia celeste, pôde então vêr-se o parochio, junto ao cedro secular do adro, lendo o seu breviario, ou no alto da montanha, respirando o ar suave dos campos, e descendo a passos lentos na santa e deliciosa contemplação da natureza e do seu Auctor.

Eis aqui a sua vida e os seus prazeres; alvejam-lhe as cans na fronte, tremem-lhe as mãos ao elevar o calix da redempção e a sua voz debil e enfraquecida já não enche a amplitude do sanctuario, mas vibra ainda no coração do seu rebanho.—Morre; uma pedra sem nome designa o seu logar no cemiterio, junto da porta da sua Igreja. Uma vida extincta; um homem esquecido para sempre. Mas esse homem foi descansar na eternidade, onde a sua alma vivia já, porque praticou n'este mundo todo o bem que podia. Ensina sempre uma doutrina immortal, serviu d'annel a uma cadeia immensa de fé e de virtude e deixou ás gerações futuras, uma crença, uma lei, um Deus.

Lamarline.



A vida e a morte

por Victor Hugo

A vida está em tudo, nas ondulações do ether, nas vibrações da luz, nas crystalisações do orvalho.

Tudo que enche o espaço infinito, está empregnado da seiva que o Deus das bondades espargiu por todos os confins do Universo. O espirito de Deus abrange tudo. A sua immortal intelligencia tudo move desde o mais insignificante dos atomos que se agita no nosso organismo, até o mais gigantesco sol dos que gravitam no espaço.

Porque razão, portanto, tremeis, ó mortaes, quando declina o astro

da vossa vida, para o occaso?

Porque razão enfraquece o vosso espirito quando vos vedes à beira do abysmo de além-tumulo?

Em procura d'um ideal, o peregrino na existencia, suporta os abraçadores raios do sol do deserto, que lhe crestam a fronte e esterilizam o sangue, e quando se lhe depara o *oasis* salvador falta-lhe forças para chegar até elle, desfallece, cahe e morre no meio d'aquelles areas!

Em procura da gloria, o marinheiro entrega-se em fragil embarcação à merce das opalinas ondas do oceano, mas quando o horisonte se cobre de negras nuvens, e a tempestade rebenta furiosa d'encontro ao seu barco, acobarda-o a duvida, e naufraga sem ter consciencia de que mui perto d'aquelle lugar está a praia salvadora!

Toda a humanidade tem a tendencia de lutar contra o destino, mas ninguem possui sufficiente força de vontade, energia precisa, fé bastante para ser superior aos seus rigores.

Mortaes! não vacileis. Luctae com constancia para alcançardes a luz da divina sciencia.

Não vos detenha o perigo; não ha barreiras insuperaveis.

Fé e Caridade.



N'aquelle tempo . . .

«Quem tem ouvidos para ouvir, ouça».

(Conclusão)

E como Martha soubesse que Jesus vinha a ver seu irmão, sahio-lhe ao encontro e d'esta forma lhe fallou:

—«Senhor, se aqui estivesseis não morreria meu irmão, mas sei que Deus vos concederá quanto lhe pedirdes.»

Levantando a tunica, que estava roçando na Terra, Jesus deitou-a para cima do

hombrão e respondeu:

—«Teu irmão resuscitará».

—«Isso sei eu, que no dia de Juizo elle ha-de resuscitar», disse Martha desconsoladamente.

Mas o Senhor ajuntou «que a Vida está em si, e ainda que seja um morto, se n'elle tiver crença, viverá».

Foi-se logo Martha a chamar em segredo Maria, para que, por sua vez, rogasse ao Senhor que dêsse a vida ao irmão, assim como a dera já ao môço de Naïm e à filha de Jairo . . .

Jesus vinha ainda longe.

Maria, tomada de pressa, correu para fóra da povoação, ao sitio aonde estava o Mestre, que era à beira d'uma cisterna, boa para descanso, porque a agua era fresca, e fresca era a larga sombra que os sycomoros allí punham.

Mas quem a via tão apressurada, descalça, a cabeça cheia de cinzas, um pobre saial de lã tapando-lhe o corpo, atraz d'ella caminhava curioso, e foi assim que muita gente do povo se juntou em torno do Senhor, quando ella toda chorosa, lhe cahiu aos pés, repetindo com a irmã:

—«Se aqui estivesseis, não morria meu irmão . . .

. . . E de roda, acompanhando-a na dôr, não houve ninguem que não chorasse . . .

Tão enternecido ficou Jesus vendo todos a chorar, que logo perguntou onde o tinham posto.

Ao que lhe responderam, que mais adiante alguns passos elle veria o sitio.

Quando chegaram ao sepulchro, que era uma gruta talhada n'uma penha, cerrada por uma lage muito larga e grossa, disse Jesus aos Judeus que, commovidos, o acompanhavam:

—«Tirae a pedra».

Martha, que estava ao lado do Mestre debulhada em lagrimas, disse assim:

—«Senhor, elle já cheira mal, porque é já de quatro dias» . . .

Com uma expressão mais doce nos olhos profundos, e já de si muito dôces, Jesus repetiu:

—«Não te disse eu, Martha, que só

para os que crêem é que a Gloria de Deus está reservada? Arredem a pedra».

E dizendo ergueu devotamente os olhos ao ceu, como que ficou por momentos em oração, e só depois ordenou:

—«Lazaro, levanta-te».

E os Judeus, cahidos na razão, ficaram assombrados, querendo beijar a tunica do Senhor e o pó da Terra que suas sandalias pisavam, porque o morto sahio da sepultura, cheio de vida, como quasi, elles, nunca o tinham visto.

940—Março.

Luiz Braga.

O suave milagre

Entre Engamin e Cesarea, n'um casebre desgarrado, sumido na prega d'um serro, vivia a esse tempo uma viuva, mais desgraçada mulher que todas as mulheres de Israel.

O seu filhinho unico, todo aleijado, passára do magro peito a que ella o creára, para os farrapos da apodrecida, onde jazêra sete annos, passados mirrando e gemendo. Tambem a ella a doença a engelhára dentro dos trapos nunca mudados, mais escura e torcida que uma cepa arrancada.

E sobre ambos, espessamente a miseria cresceu como o bolor sobre cacos perdidos n'um ermo. Até na lampada de barro vermelho seccára ha muito o azeite! Dentro da arca pintada não restava grão de co-dêa. No estio, sem pasto, a cabra morrera. Depois no quinteiro seccára a figueira.

Tão longe do povoado, nunca esmola de pão ou mel entrára o portal. E só hervas apanhadas nas fendas das rochas, cozidas sem sal, nutriam aquellas creaturas de Deus na Terra Escolhida, onde até ás aves maleficas sobrava o sustento!

Um dia, um mendigo entrou no casabre, repartiu do seu farnel com a mãe amargurada e, um momento

sentado na pedra da lareira, coçando as feridas das pernas, contou d'essa grande esperança dos tristes, esse Rabbi, que apparecêra em Galilea, e d'um pão, no mesmo cesto, fazia sete, e amava todas as creancinhas, enxugava todos os prantos e promettia aos pobres um grande e luminoso reino, de abundancia maior que a côrte de Salomão. A mulher escutava com olhos famintos.

E esse doce Rabbi, esperança dos tristes, onde se encontrava?

O mendigo suspirou. Ah! esse doce Rabbi! quantos o desejavam, que se desesperavam! A sua fama andava por sobre toda a Judea como o Sol, que até por qualquer velho muro se estende e se gosa; mas, para enxergar a claridade do seu rosto, só aquelles ditosos que o seu desejo escolhia.

(Conclue no proximo n.º)

AVÉ-MARIA

*La virgem del Pilar! Avé-Maria!
Avé-Maria, estrella matutina!
O' lagrima de angustia e de alegria,
Lirio branco, celeste e peregrina!
Na aurora, ao pôr do sol, no mar, na terra,
Bem dita sejas tu—Avé-Maria!*

*Que fóra da mulher sem ti, no mundo!
Vae apegar-se ás dobras do teu manto
A que tem um filhinho moribundo,
Invocando o teu nome sacro santo!
Avé-Maria—ó mãe dos affligidos!
Avé-Maria—ó balsamo do pranto!*

*Entre as nuvens de incenso do thuribulo
Acodes e sorris ao desgraçado
Quando sóhe as escadas do patibulo,
Quem acredita em ti, amor sagrado,
Não lhe importa m rrer, Avé-Maria!
Resuscita em seio immaculado!*

Bulhão Pato.